

Médico quer hospital no Riacho Fundo logo

É a única maneira de melhorar o atendimento psiquiátrico a curto prazo em Brasília

"Tenho absoluta certeza que o presidente José Sarney concederá à população do Distrito Federal a oportunidade de rever seus conceitos e preconceitos frente à doença mental. E essa oportunidade reside no projeto desse novo hospital na Granja do Riacho Fundo". As palavras são de um dos responsáveis pelo projeto que, se colocado em prática, deve revolucionar o atendimento psiquiátrico no País, o diretor do Hospital de Pronto Atendimento Psiquiátrico de Taguatinga, André Santiago Rangel.

Há cerca de dois meses que, juntamente com pessoas envolvidas na área de psiquiatria e o próprio secretário de Saúde Laercio Valença Santiago, estuda a possibilidade de transformar a Granja do Riacho Fundo em um recanto destinado à reabilitação dos indivíduos portadores de doenças mentais com a sociedade. "Essa será uma iniciativa inédita a nível público e com profundas repercuções sociais", diz.

TERAPIA

Segundo Santiago, a Granja do Riacho Fundo tem grande área verde e instalações onde poderia ser feito um trabalho de terapia ressocializante. "Uma alternativa ecológica para atendimento às pessoas com problemas psicológicos sem que fossem submetidas a um regime de internação e restrição sensorial". Explicou que o espaço físico e a relação com a natureza são essenciais para a melhoria do quadro de saúde de um doente mental. "Temos que acabar com deficientes encarcerados. E esse cárcere que impede que o indivíduo se integre à sociedade".

Para o médico, esse projeto tem como base uma nova men-

talidade de tratamento psiquiátrico, dentro da realidade brasileira, em que psiquiatras, psicólogos, enfermeiros, assistentes sociais, terapêuticas e, principalmente, a própria comunidade, trabalhariam unidos não só para tratar a doença mas ajudar a pessoa a se reintegrar à família e à comunidade.

No projeto está previsto, por exemplo, um Hospital Dia, ou seja, a família leva o paciente para o hospital onde passará o dia desenvolvendo atividades especiais de reabilitação. A noite, volta para casa. Segundo Santiago, isso permite que o paciente não perca os vínculos afetivos com sua família, que são extremamente importantes no seu tratamento.

Apenas nos casos mais crônicos é que os doentes ficariam internados no hospital, mas ainda assim em contato com a natureza, trabalhando em hortas em espaço aberto que, na visão do médico, seria uma experiência salutar para o paciente. "Infelizmente esses casos mais crônicos, chamados demência instalada, ainda não têm solução", disse. Acrescenta, porém, que a prisão certamente não resolve seu problema, mas prejudica, tornando-o ainda mais isolado.

A transformação da Granja do Riacho Fundo em um hospital psiquiátrico, segundo Santiago, não acarretaria grandes custos. Todas as instalações lá já são suficientes para atender aos objetivos do Hospital Psiquiátrico em um curto espaço de tempo. Explicou que a contratação de pessoal não seria necessária, já que profissionais tanto da Fundação Hospitalar, Educacional, Secretaria de Saúde, Serviço Social ou mesmo Legião Brasileira de Assistência poderiam ser remanejados para a área. "Esse hospital só traria lucro para o sistema de saú-

de, já que o custo de leitos em hospitais psiquiátricos, por sua pouca capacidade de troca e mudança, é o que mais onera a rede previdenciária", explicou.

Segundo ele, quando um indivíduo passa de um certo estágio no tratamento psiquiátrico, a ponto de poder se autodeterminar, pode inclusive ser absorvido no campo de trabalho. Para isso, o projeto prevê também a instalação de oficinas para que se faculte aos indivíduos com doença mental a oportunidade de um treinamento profissional, para que possam ser realmente reintegrados à sociedade.

CASA VERDE

A Granja do Riacho Fundo está localizada num ponto de convergência de maior densidade demográfica do Distrito Federal, entre o Plano Piloto, Núcleo Bandeirante, Gama, Taguatinga e Ceilândia. Assim, a Granja seria a "Casa Verde" entre o paciente e a comunidade. Está no meio de um bosque tranquilo de fácil acesso e com sistema de segurança, cercada por dois alambrados iluminados na periferia e com uma central telefônica instalada e funcionando.

Com toda essa estrutura, além das instalações da residência propriamente dita e o alojamento da antiga segurança, a Granja poderia sem nenhuma modificação física, ser o centro de atendimento do Hospital Dia e transformada num núcleo de orientação interdiária para o paciente entre o hospital e sua família.

Na casa residencial — em estilo colonial com área construída de 600 metros quadrados, com sete suites — seriam instalados os consultórios de avaliação e orientação. Nas varandas ligadas às suites por portas ex-

ternas, os pacientes e acompanhantes poderiam ficar à espera das consultas.

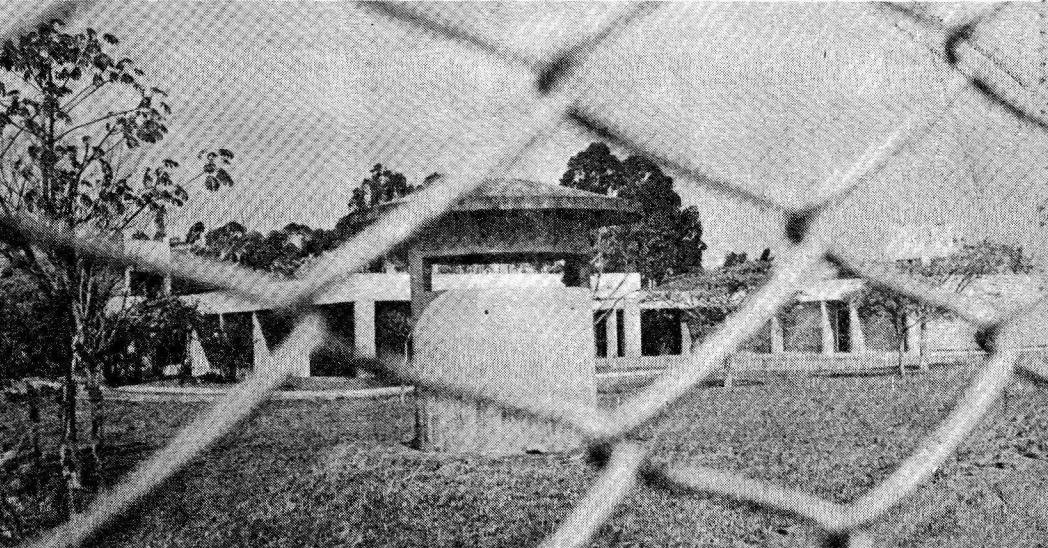
Há também, nas extremidades das suites, quatro grandes salas, uma biblioteca, um cinema de aproximadamente 80 metros quadrados que seria usado para a projeção de filmes educativos. A parte administrativa do Hospital pode ser alojada na sala de visitas e jantar. Os fundos da residência, onde existem vários aposentos, seriam destinados aos serviços gerais.

O projeto prevê também o uso da churrascaria de 100 metros quadrados como oficina de artesanato e ainda o estábulo como oficina profissionalizante. Os próprios doentes poderão também trabalhar na horta, plantando ervas medicinais e gêneros alimentícios e o pequeno lagar poderia ser usado para criação de peixes e pequenos animais. A piscina e o campo de esportes seriam de grande utilidade para tratamento físico-psíquico através do esporte.

Além de tudo isso, ainda fica a casa de hóspedes para eventuais internações de curta duração ou casa de parentes de pacientes. O alojamento da antiga tropa de segurança seria adaptável para uma enfermaria de descanso entre as atividades diárias com um confortável restaurante para até 200 pessoas. Como disse Santiago, "um grande salto da mordomia para a caridade".

Na idéia do médico esse projeto seria ainda mais viável com a integração desse hospital com outras instituições. Há o plano, por exemplo, de desenvolver um trabalho junto ao Instituto de Tecnologia Alternativa no campo de farmacoterapia, pesquisando uma forma de unir a terapia com plantas medicinais, que poderiam ser produzidas na própria granja.

ARQUIVO / LUCIO BERNARDO



As grades da Granja não vão ser necessárias após a instalação do hospital

Déficit de leitos chega a 3 mil

Por incrível que pareça Brasília só possui um hospital psiquiátrico público. Mesmo assim, suas instalações foram precariamente adaptadas de um hospital geral, o antigo Hospital São Vicente de Paulo e é mais velho do que a própria cidade, 28 anos. Localizado em Taguatinga, funciona a duras penas, com 100 leitos para atender não só a população do DF mas também 30 prefeituras do Entorno.

A Organização Mundial de Saúde estabelece um mínimo de quatro leitos em hospitais psiquiátricos para cada 1 mil pessoas. Aqui, contanto as clínicas particulares, além do único hospital público, não existem mais que 300 leitos. Nos cálculos do diretor do Hospital de Pronto Atendimento Psiquiátrico, André Santiago Rangel, Brasília

tem um déficit de pelo menos 3 mil leitos nesse setor. Para atender a demanda a rede hospitalar, conta com convênios com "casas de repouso" particulares, onde os pacientes internados por logo período sob ação de drogas e muitas vezes em condições subumanas.

Muitos pacientes, por exemplo, são encaminhados para o Sanatório Espírito de Anápolis, onde as condições físicas são precárias e os doentes colocados em pequenos cubículos. Segundo Santiago, atualmente existem cerca de 300 pessoas internadas nesse sanatório, algumas em estado crônico há mais de 25 anos.

Para Santiago, mesmo com tentativas constantes de melhora no atendimento no Hospital

de Pronto Atendimento Psiquiátrico, as condições ambientais não colaboram. Na sua visão, todos os hospitais gerais deveriam possuir unidades de psiquiatria, o que não ocorre, sobrecarregando assim aquele hospital que, só no ambulatório atende cerca de dois mil pacientes por mês. Ainda assim, o hospital mantém um esquema no qual o paciente dificilmente tem que esperar mais de 48 horas para ter sua consulta. "Apesar das dificuldades, ainda conseguimos manter um alto índice de eficiência, com a média de internação de 25 dias e total ocupação dos leitos". O atendimento do hospital é tomado por cerca de 30 por cento de casos de alcoolismo em emergência e o restante dividido entre casos de esquizofrenia, neurose, dentre outros.